

A economia, o comércio e a pegada ecológica

Categories : [Mathis Wackernagel e Jennifer Mitchell](#)

Na coluna do mês passado a minha colega Jennifer Mitchell e eu fizemos uma introdução ao Global Footprint Network, a pegada ecológica, a nossa calculadora brasileira e a questões que iremos focar. Você vai descobrir que ocasionalmente a nossa coluna vai abordar diretamente questões recorrentes, os temas e as observações dos leitores: nosso objetivo final não é uma conversa unilateral mas um diálogo permanente com você.

Dito isto, nesta coluna eu gostaria de abordar um comentário postado pelo leitor Hugo Penteado seguindo a nossa coluna de estréia. É uma questão que eu acredito que está no cerne dos grandes desafios de hoje: podemos manter o crescimento econômico sem sacrificar o bem-estar ecológico do nosso planeta?

Hugo refere-se às tendências atuais de crescimento econômico como um "caminho para o suicídio". Sobre este ponto, estamos em total acordo. O modelo econômico de hoje não é mais ecologicamente viável. Como a recente crise econômica global mostrou, há consequências inevitáveis em relação ao déficit em curso. Você pode continuar a usar mais recursos do que está disponível reduzindo os ativos futuros, ou seja, um crédito. Mas em algum ponto, você acabará por atingir o limite. Ainda assim, o nosso modelo econômico valoriza o crescimento, sem levar em consideração este fato. Então, o que vimos - e continuamos a ver - é uma incrível contradição em que nós funcionamos em recessão porque consumimos muito, e ainda assim a nossa resposta tem sido promover mais consumo. Corremos em recessão porque há demasiada liquidez no mercado, e ainda assim a nossa resposta tem sido a de lançar mais liquidez para o sistema. O dinheiro tornou-se tão poderoso que o excedeu o valor do capital natural - sem o qual, a economia global não existiria. Nossos líderes se preocupam mais com a estabilização monetária do que a estabilização de solos agrícolas. Mas, no final, o que é mais importante?

"Os economistas ecológicos falam em repensar o crescimento econômico para permitir uma economia mundial sustentável, o economista disse que, "... não temos que repensar o crescimento. O crescimento está indo embora."

Este dilema que enfrentamos - e o qual nossos líderes devem perguntar a si próprios - é o mesmo que eu coloquei para os participantes do Footprint Forum 2010, realizado na Itália de 04 a 13 de junho. Este encontro internacional, organizado pela Global Footprint Network em conjunto com a Universidade de Siena, contou com a presença de cerca de 200 participantes, entre os quais cientistas, economistas e líderes empresariais e governamentais. O enfoque do fórum foi discutir mais urgentes desafios ambientais e desenvolver estratégias para resolvê-los. Entre as diversas palestras incluíram: "O capital natural e nossa economia" e "Repensar o crescimento".

Convidamos um painel de palestrantes, representando diferentes perspectivas, tais como: Pedro Victor, professor de Estudos Ambientais da Universidade de York, e Hannes Kunz, presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Integrada. Ambos concordaram que não podemos continuar a ter expansão econômica em um planeta com recursos limitados - a menos que possamos de alguma forma encontrar uma maneira de dissociar o crescimento econômico da utilização dos recursos. Segundo Hannes, não é necessário repensar o crescimento econômico, já que uma correção maior do produto interno bruto mundial (PIB) é inevitável. Em vez disso, ele disse, temos de nos concentrar na transição para uma economia crescimento zero. Enquanto os economistas ecológicos falam em repensar o crescimento econômico para permitir uma economia mundial sustentável, o economista disse que, "... não temos que repensar o crescimento. O crescimento está indo embora."

"Os direitos financeiros sobre a economia mundial - tais como obrigações de dívida, as expectativas de pensões, os estoques, os investimentos - só podem ser pagos de volta por meio da extração de mais recursos e na conversão em ativos financeiros. Mas nós temos uma quantidade finita de recursos e esses recursos estão se tornando cada vez menos disponíveis, por isso estamos presos", disse, advertindo aos especialistas em meio ambiente que se essa transição para uma economia sustentável não for manejada de forma adequada "não vamos ter a oportunidade de construir algo de bom depois disso."

No entanto, de acordo com Victor é possível manter uma taxa de emprego robusto, reduzir ou eliminar a pobreza, manter o equilíbrio fiscal e reduzir os gases de efeito estufa, sem depender de crescimento econômico. A chave para atingir este objetivo, segundo ele, encontra-se em uma grande mudança nas políticas, incluindo: novos significados e indicadores; limites de materiais, energia, resíduos e uso da terra; preços mais significativos, produtos mais duráveis e reparáveis, menos bens com status; publicidade mais informativa; melhor seleção de tecnologia; estoque de capital mais eficiente, mais local e global menos desigualdade; menos trabalho e mais lazer.

Acredito que qualquer mudança no nosso modelo econômico deve olhar além do PIB. Em seu comentário, o Hugo citou um relatório da comissão criada para medir o desempenho econômico e o progresso social - criado pelo presidente francês Nicolas Sarkozy e presidida pelo Nobel de economia Joseph E. Stiglitz, professor da Universidade de Columbia. O documento, conhecido como o "Stiglitz Report", recomendou uma abordagem mais abrangente para medir o sucesso de

um país, além do PIB. Hugo recordou que, no presente relatório, a Pegada Ecológica, embora citado como um possível indicador, foi criticado por ser "anti-comercial".

Para esclarecer, a pegada acompanha a demanda humana atual sobre a natureza em termos de área necessária para fornecer os recursos utilizados e absorver os resíduos gerados pela prestação de bens e serviços. O comércio é responsável por atribuir essa demanda para o país consumidor final desses produtos e serviços. Esta contabilidade reflete os fluxos de importação e exportação, mas não faz qualquer juízo sobre as vantagens, desvantagens ou a equidade das trocas comerciais. A pegada ecológica não é nem pró nem anti comercial.

Na verdade, o Hugo, Hannes, Kunz, os autores do relatório Stiglitz e eu concordamos que a forma atual do mercado (business as usual) acabará inevitavelmente por levar a nenhum negócio. As opiniões variam sobre as mudanças que são necessárias para reverter essas tendências, mas esta conclusão final é a mesma. Acredito que cada país deve decidir qual o seu nível de consumo de recursos ótimo, a fim de manter um nível social, econômico e bem-estar ambiental em harmonia, e que seja sustentável. É por isso que continuamos a promover o uso da Pegada ecológica e melhorar a ciência e a metodologia por trás dela.

No final, eu acredito que Hugo e eu estamos mais de acordo do que ele imagina.

Você pode participar desta coluna enviando comentários e sugestões de temas para o e-mail pati@footprintnetwork.org. Maiores informações sobre a Global Footprint Network: www.footprintnetwork.org

[CONHEÇA A CALCULADORA DE PEGADA ECOLÓGICA](#)